

CÓPIAS VERBAIS NÃO-IDÊNTICAS? (NON-IDENTICAL VERBAL COPIES)

Ana Cláudia Pinto BASTOS

ABSTRACT: *In this paper, I analyse a type of Predicate Cleft Construction in Portuguese as verbal movement to Foc°. I will assume the Copy Theory of Movement in the current Minimalist Program, associating it with Distributed Morphology to explain the phonetic realization of non-identical verbal copies.*

KEYWORDS: *Predicate clefting; copies; verbal morphology.*

1. Apresentação do problema

Em várias línguas do mundo, ocorre uma construção sintática conhecida na literatura como Clivagem de Predicados (do inglês *Predicate Cleft Construction*, doravante PCC)¹. Este fenômeno consiste na realização de duas instâncias verbais, sendo que a primeira instância possui uma leitura compatível com a interpretação de foco contrastivo. Em Língua Portuguesa (LP), este fenômeno também ocorre; isto pode ser visto na tradução aproximada das sentenças do Vata, em (1), e do Crioulo Haitiano, em (2).

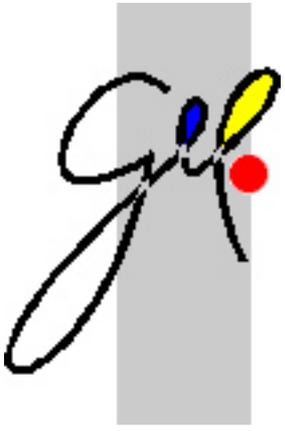
- (1) [li] [Ò li saká] (Koopman 1984: 38)
Comer, ele comeu o arroz, ...[não amassou]
- (2) Se [kouri] [Jan kouri] (Larson e Lefebvre 1991:247)
Correr, o João corre, ...[não caminha]

A principal diferença entre a PCC em Português e a PCC em Vata e em Crioulo Haitiano é que nestas, as duas instâncias do verbo são idênticas enquanto, em LP, a primeira instância verbal encontra-se no infinitivo e a segunda na forma finita².

Em Português, a PCC pode envolver apenas o verbo, como no exemplo (3), ou todo o VP, como vemos em (4). Razões independentes nos levam a crer que se tratam de dois tipos diferentes de Clivagem de Predicados que possuem histórias derivacionais distintas. Neste artigo, estarei examinando o tipo de clivagem que envolve apenas o verbo, pois pretendo comparar os fatos de LP com os fatos encontrados em Vata, que não permite nenhum complemento acompanhando o verbo clivado.

¹ Tenho conhecimento de estudos de PCC em Russo (Abels: 2000), em Vata e Gbadi (Koopman: 1984), em Japonês, Koreano e Iorubá (Cho e Nishiyama: 1997), Crioulo Haitiano (Larson e Lefebvre: 1991; Piou: 1982; Lumsden e Lefebvre: 1990; e outros), etc.

² Este padrão não é exclusivo de LP. A PCC em Russo estudada por Abels (2000) também apresenta o verbo clivado na forma infinitiva e o outro na forma finita.



- (3) Vender, a Maria vendeu a casa, mas... (envolvendo apenas o verbo)
- (4) Vender a casa, a Maria vendeu, mas... (envolvendo todo o VP)

Dentro do atual quadro do Programa Minimalista, há duas possibilidades lógicas para explicar a dupla ocorrência verbal nestas construções. A primeira é pensar que os dois verbos correspondem a itens lexicais distintos na numeração; esta hipótese faz a predição de que, quando submetidas a testes de movimento, as PCCs sejam aceitáveis. Além disso, coaduna-se perfeitamente a hipótese mais aceita dentro do Minimalismo de que os itens lexicais já estão completamente flexionados quando entram na numeração. Entretanto, esta hipótese suscita alguns problemas, como por exemplo, explicar que mecanismo controla o fato de as duas instâncias corresponderem ao mesmo verbo.

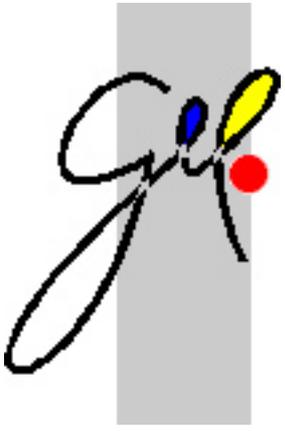
A segunda possibilidade fundamenta-se na Teoria de Movimento por Cópia dentro do atual quadro do Programa Minimalista tal qual proposto por Chomsky (1995) e dialoga com Nunes (2000) que explica a realização fonética de cópias múltiplas. Consiste em pensar que temos apenas um verbo na numeração e que, ao entrar na derivação, ele realiza movimento para a projeção de Foc deixando uma cópia. Se isto for verdade, devemos esperar que as PCCs estejam sujeitas a restrições de movimento. Entretanto, esta hipótese não é facilmente explicada se assumimos que os itens lexicais já estão completamente flexionados quando entram na numeração, pois como vimos o primeiro verbo da PCC em Português encontra-se no infinitivo e o segundo na forma finita; em outras palavras, surge o problema de explicar a existência de cópias verbais não-idênticas.

Após a aplicação de testes clássicos para identificação de movimento, ou seja, extração de elementos de contextos de ilhas sintáticas, obtive os seguintes resultados.

- (5) Vender, o João disse que a Maria vendeu a casa.
- (6) *Vender, o João perguntou por que a Maria vendeu a casa. (ilha-wh)
- (7) *Vender, você conheceu o homem que vendeu a casa, ... (ilha de NP complexo: relativa)
- (8) *Vender, eu ouvi um boato (de) que ela vendeu a casa. (ilha de NP complexo: completiva nominal)
- (9) *Vender, a Maria compra e vende livros. (restrição sobre coordenada)
- (10) *Vender, o João lamentou que a Maria tenha vendido a casa. (ilha factiva)

Como vemos acima, o movimento longo do verbo é permitido em (5), mas a extração de contextos de ilhas sintáticas em (6)-(10), não é. Esta evidência nos leva a conclusão de que a PCC é derivada por movimento verbal e nos coloca diante da questão central que eu pretendo responder neste artigo: como explicar a existência de cópias verbais não-idênticas?

2. Clivagem de Predicados como realização de cópias múltiplas

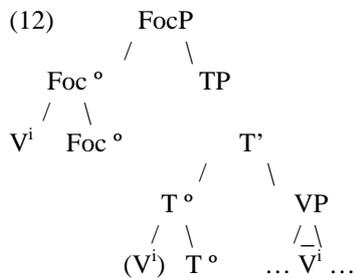


Dentro do atual quadro do Programa Minimalista (1995), a relação entre a estrutura interna do verbo e a sintaxe se dá através de checagem de traços. Neste sistema, o verbo já se encontra totalmente flexionado na numeração e apresenta uma forma como (11).

(11) $V=(\alpha, \text{Infl}_1, \text{Infl}_2, \dots, \text{Infl}_n)$; onde $\alpha=(R, \text{Infl}_1, \text{Infl}_2, \dots, \text{Infl}_n)$, sendo R= raiz e Infl= traços flexionais

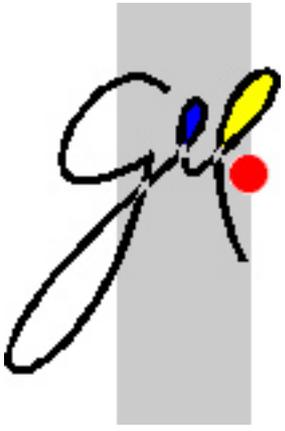
Segundo Chomsky (1995), a Forma Fonética só “vê” α . Ao entrar na derivação, o verbo realiza movimento a fim de checar e eliminar os traços que não são interpretáveis, caso contrário a sentença fracassa. De acordo com a Teoria de Movimento por Cópia, ao mover-se, o verbo deixa uma cópia idêntica.

Uma implementação técnica para a Teoria de Movimento por Cópia foi feita por Nunes (1995) que utiliza-se basicamente de algumas versões do LCA de Kaine para linearização de sentenças em PF. Dentre outras coisas, Nunes explica por que geralmente apenas uma cópia do mesmo elemento é foneticamente realizada e explica também, por que, em alguns casos, pode ocorrer a realização fonética de cópias múltiplas. Um dos casos de realização de mais de uma cópia estudado por Nunes é o caso da Clivagem de Predicados em Vata (2000: 58). Segundo Nunes, a instância mais elevada do verbo é resultante de um movimento para projeção de Foc que precede TP, conforme ilustra (12). Esta cópia mais elevada torna-se invisível ao LCA, pois, segundo Nunes, ocorreu um processo de reanálise morfológica de $[_{\text{Foc}^\circ} V \text{ } [_{\text{Foc}^\circ} \text{Foc}^\circ]]$ como uma palavra. Sendo invisível ao LCA, a instância mais alta do verbo não precisa ser apagada e pode realizar-se foneticamente.

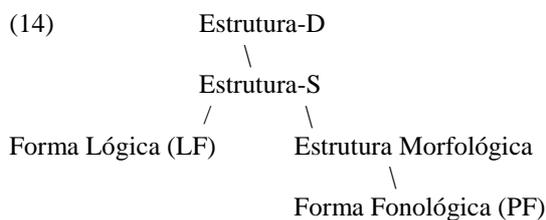


Esta análise, não poderia ser facilmente aplicada aos dados de PCC em português, se adotamos uma hipótese de que os itens lexicais já estão totalmente flexionados quando entram na derivação. Recuperemos o exemplo (2) para tentar aplicar a derivação; teríamos o seguinte: o verbo (flexionado) realizaria movimento para T° a fim de checar seus traços, depois realizaria um segundo movimento para Foc° a fim de checar um traço F de foco. A sentença resultante é agramatical em Português.

(13) *Comeu, o João comeu o arroz.



Mesmo que adotássemos, uma hipótese (à la GB) de que o verbo recebe a flexão em T^o , não teríamos o resultado adequado, pois ao realizarmos o movimento por cópia para Foc^o , obteríamos novamente algo como (13). Uma tentativa de resolver o problema, precisa, eu creio, recorrer a algumas intuições da Morfologia Distribuída (DM) de Halle e Marantz (1993) que defende que elementos flexionais podem ser inseridos depois da sintaxe. A DM adota como arquitetura do sistema computacional a proposta geral da versão GB da Gramática de Princípios e Parâmetros, acrescentando entre a sintaxe e a fonologia, uma estrutura chamada de *Morphological Structure* (MS), conforme o diagrama abaixo:



Pretendo aproveitar a hipótese fornecida pela DM de que operações morfológicas como, por exemplo, inserção de elementos flexionais pode realizar após a sintaxe, assumindo porém uma arquitetura do sistema computacional mais adequada ao quadro teórico do atual Programa Minimalista.

3. A Clivagem de Predicados e a inserção de elementos flexionais

Minha proposta para a Clivagem de Predicados que envolve apenas o verbo, em Língua Portuguesa, assume que a análise de Nunes para a PCC em Vata pode ser aplicada ao Português no que concerne à derivação sintática proposta e às razões por que ocorrem cópias múltiplas.

Basicamente, eu pretendo propor que há nas línguas naturais uma variação quanto à estrutura interna de α na numeração, isto é, em algumas línguas α é formado pela raiz e pelas flexões e em outras línguas, α é formado apenas pela raiz; neste último caso, a flexão será inserida após spell-out, isto é, entre a sintaxe e a forma fonológica.

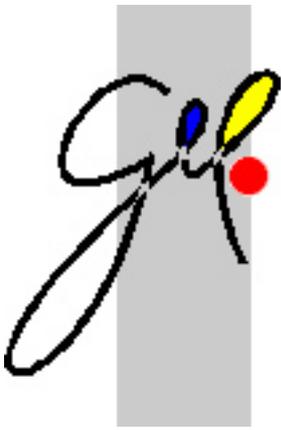
(15) $\alpha=(R, Infl_1, \dots, Infl_n)$ ou $\alpha=(R)$

Eu assumo que, em LP, α é igual à raiz verbal e que a flexão verbal é inserida tardiamente. Tomemos alguns exemplos que se referem à tipologia verbal tradicional em Português segundo o tipo de raiz.

Regulares

(16) Cantar, ela cantou uma música ontem no Karaokê

(17) Dirigir, eu dirijo muito bem.



Na derivação sintática de PCC que envolve verbos regulares, teremos a concatenação à sentença de um verbo (α , Infl₁,...Infl_n), em que $\alpha=(R)$. Esse verbo realizará movimento para T^o para a checagem de traços e, posteriormente, para Foc^o para a checagem do traço F. Após spell-out, a flexão verbal correspondente será inserida. O verbo mais baixo receberá sua flexão de tempo e modo e o verbo mais alto receberá o infinitivo que eu estou assumindo ser uma forma default. Para verbos irregulares como os seguintes, eu creio que se dá exatamente a mesma derivação; a única diferença é que a inserção da flexão desencadeia processos morfofonológicos; por esta razão é possível realizar a clivagem.

Irregulares

(18) Fazer, a Maria fez o bolo, mas...

(19) Querer, eu quis o livro, mas...

(20) Ouvir, eu ouço muito bem, mas...

Quanto aos verbos anômalos a história é diferente. Conforme esperado, eles não podem participar de construções com PCC em Língua Portuguesa. Isto talvez seja decorrente do fato de que, no léxico, eles possuem mais de uma entrada lexical corresponde a tempos e modos diferentes; não possuindo uma única raiz verbal, eles não podem participar dos processos morfológicos de inserção flexional tardia. Mas esta é uma questão que deixo em aberto para ser resolvida em estudos posteriores.

Anômalos

(21) *Ser, o João é alcoólatra/ bêbado

(22) *Ir, a Maria foi para casa.

4. Conclusão

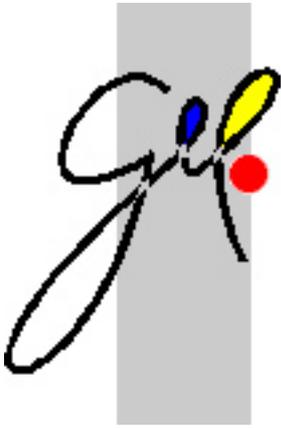
Este estudo, procurou prover uma hipótese explicativa para os casos de Clivagem de Predicados em Língua Portuguesa que envolvem apenas o verbo. Eu assumo que em Língua Portuguesa, há processos de inserção flexional tardia o que justifica a ocorrência de formas verbais diferentes em construções com PCC.

RESUMO: Neste artigo, analiso um dos tipos de Clivagem de Predicados em Língua Portuguesa como movimento verbal para Foc^o. Estarei assumindo a Teoria de Movimento por Cópia do atual Programa Minimalista, combinando-a à Morfologia Distribuída para explicar a realização fonética de cópias verbais não-idênticas.

PALAVRAS-CHAVE: clivagem de predicados; cópias; morfologia verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELS, Klaus. *Multiple Copies Meet Russian Predicate Clefts*. [s.t.] Dez. 1999.



- CHO, Eun e NISHIYAMA, Kunio. *Yoruba Predicate Clefts in a Comparative Perspective*. Trabalho apresentado na 28ª Conferência de Linguística Africana.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.
- HALLE, Morris e MARANTZ, Alec. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HUTCHISON, J. *On interpreting Haitian Predicate Cleft Construction*. Unpublished ms., Boston University, Boston. [s.d]
- KOOPMAN, Hilda. *The Syntax of Verbs*. Dordrecht: Foris Publications, 1984.
- LARSON, Richard K. e LEFEBVRE, Claire. Predicate Clefting in Haitian Creole. *NELS* 21, 247-261, 1991.
- LUMSDEN, J. e LEFEBVRE, C. Predicate Cleft Constructions and Why They Aren't What You Might Think. *Linguistic* 28.4: 761-783, 1990.
- NISHIYAMA, Kunio e CHO, Eun. Predicate Cleft Constructions in Japanese and Korean: The Role of Dummy Verbs in TP/VP-Preposing. *Japanese/Korean Linguistics*. Stanford: CSLI Publications, 1997.
- NUNES, Jairo. Linearization and phonetic realization of chains. *Linearizations of chains and sideward movement*. Cap. 2. Ms., UNICAMP, 2000.
- NUNES, Jairo. *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Doctoral dissertation. University of Maryland at College Park, 1995
- PIOU, N. Le clivage du prédicat. In: LEFEBVRE, C. et al. (eds). *Syntaxe de l'haïtien*. Karoma Publishers, Ann Arbor, Michigan, 1982. 122-152.